

O senhor do Largo São Bento

Série Crônicas – Texto 14



Prezado leitor, esta crônica contém citações que remetem à terrível lembrança do holocausto praticado pelo nazismo no século passado, um tema sensível que pode chocar, ainda que elas se limitem aqui ao testemunho de um possível caso de remissão de um homem que não cria em Deus. Portanto, é recomendada cautela a leitores sensíveis.

A menos de um ano atrás, quando me propus escrever crônicas para registrar as minhas experiências pessoais de fé, uma das primeiras que me vieram à lembrança me trouxe o nome

de um senhor idoso, alemão, de boa estatura e sotaque amigável. O seu nome, Albert Blume.

Em uma manhã ensolarada de sábado, nos tempos em que eu integrava um grupo de jovens evangelistas, estava com um deles, o Moisés, cruzando o Largo São Bento em direção à Rua Santa Ifigênia, um local muito conhecido pelo comércio de eletrônicos e instrumentos musicais no centro velho da cidade de São Paulo. Iríamos comprar algum equipamento ou peça de reparo.

O tempo não me permite mais lembrar o dia ou o mês, mas o ano era 1983.

Naqueles tempos, nós frequentávamos algumas das praças mais famosas da cidade. Em certos dias da semana, ao final da tarde e após os nossos expedientes de trabalho, cada componente do grupo se dirigia ao local combinado previamente para pregarmos o evangelho, fosse a Praça da Sé, a Praça Ramos ou o Largo de São Bento.

Naquela manhã, porém, fora do horário e dos dias de costume, eu e ele vivenciamos algo diferente.

Ao observarmos a quantidade de pessoas transitando e como várias delas se aglomeravam para ouvir um grupo musical de baião na esquina do largo com a Santa Ifigênia, nos sentimos inspirados a evangelizar, mesmo que de improviso.

Como estávamos com um violão, nos sentimos preparados para o desafio e, então, tendo escolhido um local com distância suficiente para que os sons do grupo de baião e os nossos não disputassem a atenção do público, combinamos de, sentados em um dos bancos que havia no Largo entre a porta da catedral e a porta da faculdade, cantarmos alguns hinos, despretensiosamente. Se alguém parasse, acrescentaríamos alguma mensagem de evangelização, se não, estaríamos satisfeitos por termos tirado alguns minutos de louvor a Deus.

Não me lembro de termos conseguido juntar muitas pessoas, mas além das passantes, sempre havia mais algumas sentadas nos outros bancos do Largo e próximas o suficiente para nos ouvirem.

O líder do nosso grupo não estava conosco naquele dia. Contudo, sempre cantávamos os hinos de sua autoria, pois tendo tido um passado difícil de subjugação pelas drogas, se livrou milagrosamente do vício ao se converter a Cristo. Ele se tornou um exímio evangelista e um compositor inspirado de hinos apaixonantes e escritos com foco na graça libertadora e na pregação de rua.

Me recordo que um dos hinos que cantamos ali foi um cujo coro declara “- *Eu sou Noé também. E a arca é Jesus!*”. Entretanto, naquele dia, devido ao horário, não nos demoramos muito. Recolhemos o violão e fomos embora.

Contudo, na semana seguinte, excepcionalmente, precisamos ir outra vez à rua Santa Ifigênia e cruzamos o Largo de novo, porém, sem violão e sem intenção de repetir o feito da ocasião anterior.

Foi quando, apesar da pressa que a juventude nos permitia aplicar na caminhada, ao passarmos pelo mesmo ponto em que havíamos pregado, fomos surpreendidos pela voz de um homem idoso e de sotaque alemão que nos perguntou: “- Hoje vocês não vão cantar que a arca é Jesus?”.

Com esta chamada irresistível para qualquer evangelista, paramos imediatamente, nos apresentamos àquele distinto senhor e iniciamos uma conversa.

Logo, percebemos que ele era um homem bem-informado sobre a História da humanidade e, após o ouvirmos falar detalhadamente sobre a história dos rolos do Mar Morto encontrados nas cavernas de Qumran, percebemos que os seus conhecimentos bíblicos também não eram pequenos e nem elementares.

Todavia, como nós também dedicávamos algum tempo e atenção aos estudos bíblicos, conseguimos garantir uma conversa e, por fim, ganhar a amizade daquele senhor, que se apresentou como Albert Blume.

Ele nos falou muito pouco sobre a sua vida, se reservando a dizer que era originário da Alemanha e que não tinha parentes no Brasil.

Em conversas posteriores, e na medida em que nos conhecíamos melhor, ele nos mostrou o brasão heráldico da família Blume e nos convidou para uma visita ao seu escritório ali perto, numa rua muito conhecida pelo intenso comércio de ferramentas e ferragens, a Rua Florêncio de Abreu.

Foi neste escritório, que mais parecia a sala de um velho pesquisador aventureiro como vemos em alguns filmes de Hollywood, que ele nos falou sobre sua atividade comercial de aquisição, reparo e venda de certo tipo de caldeira a vapor chamada de locomóvel.

Albert também nos revelou pertencer a uma associação de gemologia na qual tinha uma posição de destaque e nós o ouvíamos atentamente, com o propósito de também garantirmos sua recepção ao lhe falarmos sobre o amor de Deus.

Mas, embora não tenha chegado a se declarar ateu explicitamente, percebermos um certo ceticismo nas suas detalhadas e curiosas exposições sobre a História da humanidade.

Pouco tempo depois, ele nos informou sobre a iminência do seu 76º aniversário¹ e, internamente em nosso grupo, combinamos visitá-lo de surpresa para o felicitar.

Já havíamos tido diversas oportunidades de inserir algum conhecimento bíblico nas nossas conversas, mas avançávamos pouco, devido ao cuidado de manter a amizade e o diálogo até que ele pudesse intuir sobre o amor de Deus por si mesmo.

Não me recordo se estivemos com ele num sábado, como de costume, ou no dia real do seu aniversário no domingo posterior, porém Albert demonstrou uma alegria especial pelas nossas felicitações. Em certo momento, ele se voltou para nós e de modo pensativo, mas conclusivo, nos fez a declaração que todo evangelista sonha ouvir daqueles a quem prega: “- Diante de tudo, tenho que reconhecer que Jesus, de fato, existiu!”

A presença do nosso grupo quase inteiro e uma ligação telefônica de um dos que não puderam ir reforçando as nossas felicitações de aniversário, podem ter contribuído bastante para aquele momento, mas o perfil de pessoa que ele nos disse ter, nos assegurou que somente por uma ação divina ele chegaria àquela conclusão e a confessaria diante de nós.

Naquela tarde, saímos de lá alegres pelo que vimos e ouvimos, mas não sabíamos que seria a última vez que veríamos o senhor Albert.

Semanas depois, numa tentativa de um novo contato com ele, fomos informados que ele havia falecido alguns dias após aquele aniversário.

Como só tínhamos um único meio de contato que nos ligava a ele, o perdemos desde então, mas guardei na memória aquele momento especial da sua confissão à realidade de Cristo.

Passados cerca de seis ou sete anos, fui surpreendido em casa por uma manchete num telejornal importante noticiando sobre uma questão envolvendo a destinação da fortuna milionária de um alemão idoso falecido e sem herdeiros no país.

A semelhança com o caso do senhor Albert me fez aguardar a apresentação da matéria, a qual comprovou que se tratava dele mesmo, o que para mim aumentou ainda mais a importância daquele evangelismo que havíamos ministrado a ele.

Foi assim que, com estas lembranças renovadas, me propus resgatar esta experiência e incluí-la na minha lista de crônicas.

Além disso, consciente hoje da relevância daquelas questões envolvendo o senhor Albert, achei importante fazer algumas pesquisas na internet para buscar alguma informação mais recente e que pudesse enriquecer este relato.

Porém, o que encontrei me chocou. Em 1995 e 1997 veículos importantes de notícias² haviam publicado matérias a respeito de processos de investigação quanto a procedência da pessoa e da riqueza do senhor Albert, com suspeitas dele ter supostamente servido ao nazismo alemão como guardião de riquezas oriundas do Holocausto.

As reportagens também citaram disputas de terceiros pela herança pós-morte, além de um processo judicial para abertura de um cofre onde ele manteria guardados próteses dentárias com coroas de ouro, além de joias, relógios e dinheiro.

Nada do que conseguimos ver ou ouvir durante a nossa breve amizade com o senhor Albert nos dera a menor impressão sobre qualquer evidência destas coisas e nenhuma das reportagens encontradas foram conclusivas sobre os processos impetrados.

Entretanto, caso tenha havido alguma notícia posterior confirmando essas suspeitas, isso só realçaria a importância do que aconteceu naquela última tarde que tivemos com o senhor Albert.

Afinal, uma coisa é um senhor intelectual, gentil e ateu, se render à verdade de Cristo. Outra seria a de um nazista antisemita genocida e conivente com crimes de guerra se dobrar ante a realidade do filho de Deus.

Também cabe ressaltar que aquele homem não tinha a menor obrigação de se retratar em seu ateísmo a um grupo de garotos que ele não conhecia e nem sabia os seus nomes de memória, aos quais sequer se viu obrigado a revelar o seu próprio nome inteiro³.

Seja como tenha sido, independentemente de quem o senhor Albert realmente foi, ficou evidente para nós a importância de atendermos ao tocar de Deus em nossos corações quanto a semear a Palavra a qualquer tempo ou lugar, pois almas sedentas podem estar aguardando uma oportunidade para conhecerem a Deus, não importando a sua história ou a sua condição atual.

E neste ponto em especial, considerando como aconteceu aquele encontro inusitado a poucos dias da sua morte, temos que admitir a possibilidade de ter sido um gesto de Deus para dar ao Sr. Albert uma última chance de remissão.

Jamais saberemos se ela de fato aconteceu, mas a forma singularmente espontânea de como naquele dia, naquela hora e naquele banco nós sentimos desejo de cantar sobre a salvação, é compatível com a forma de agir d'Aquele que deixou nas Escrituras o registro do seu desejo de que ninguém se perca, senão que todos cheguem ao arrependimento (2Pedro 3:9).

Esta é a história do senhor do Largo de São Bento.

Espero que a sua singularidade dramática provoque no prezado leitor uma experiência de autoanálise que o leve a uma aproximação e desejo por sua própria história de encontro com Deus.

“ Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve. (Mateus 11:28-30).

Pr. Carlos V. Ricas

Anotações do texto:

1. Último aniversário em 29/nov/1983 (76 anos), falecimento em 15/dez/1983.
2. Folha de São Paulo (17/jun/1995, seção cotidiano e 23/nov/1997, seção mundo) e Folha de Londrina (27/nov/1997).
3. Nas reportagens encontramos o nome completo dele: Albert Willi Louis Blume.

1ª edição: 11.jun.2025

Última revisão: 28.ago.2025

SOBRE A SÉRIE CRÔNICAS

São relatos de situações involuntárias vividas no cotidiano do autor e nas quais ele reconhece ter vivenciado algo especial, seja em algum aspecto da prática da vida cristã como, por exemplo, os atributos de Deus, seja um prenúncio de algum fato futuro ou um entendimento de algum fato passado, ou ainda, o reforço de algum valor ou princípio que baseia a fé em Cristo e que possa, hoje, incentivá-la ou aprimorá-la na vida dos leitores.

. Ilustração: Nicolas Moraes - nicomoraes77@gmail.com

. O conteúdo deste material pode ser compartilhado e divulgado livremente, desde que mencionada a fonte.

. Outras crônicas e materiais de pesquisa do Pr Carlos Ricas, podem ser encontrados em seu website: <http://www.temasbiblicos.com.br>